

## Memória, oralidade e história: algumas reflexões

### *Memory, orality, and history: some reflections*

Luciana Nascimento dos Santos

*Mestra em Educação e Contemporaneidade,*

*Professora da Universidade do Estado da Bahia/UNEB/*

*Campus II- Alagoinhas-BA*

*E-mail: lucianansantos10@gmail.com*

Submetido em: 09/10/2022

Aprovado em: 09/10/2022

Publicado em: 10/10/2022

DOI: 10.51473/rcmos.v2i2.364

#### RESUMO

O presente artigo, que abordando algumas reflexões acerca da memória, da oralidade e da história, é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada *Mulher negra professora entre a crisálida e o beija-flor: o invisível e o revelado, o silêncio e a escrita de si*, na qual foi realizado um estudo sobre a trajetória de vida de uma professora negra, da rede municipal de ensino de Feira de Santana-BA, que faleceu em sala de aula. O objetivo da pesquisa foi investigar acerca das experiências de preconceito e discriminação racial vividas por esta no âmbito da escola e seus impactos para a trajetória de vida e morte da professora. A investigação foi pautada nas seguintes questões problematizadoras: Como se compôs a história de vida da mulher negra que se tornou professora? Quais as implicações do racismo, do preconceito e da discriminação para a vida da professora, bem como para o processo de morbimortalidade da mulher negra? Considerando a natureza da investigação, neste estudo de base qualitativa, o caminho metodológico consubstanciou-se na abordagem das histórias de vida. No referido estudo, enfatizou-se as questões, étnico-raciais, de gênero, trabalho docente e saúde da população negra. No tocante aos aspectos aqui abordados, apresentamos reflexões acerca da memória, da oralidade e da história, com base nos fundamentos de Benjamin, (2005), Bom Meihy (2005), (Halbwachs (1990), Hampaté Ba (1982) e Le Goff (2003), (1994). Nesse contexto, o enfoque teórico sobre a história estabelece interlocução com a memória, lugar dos registros do vivido, e a oralidade como o dispositivo narrativo da experiência. A memória individual e a memória coletiva se entrelaçam em um fluxo contínuo de trocas recíprocas.

**Palavras-chave:** memória; oralidade; história.

#### ABSTRACT

This article, which addresses some reflections about memory, orality, and history, is a clipping of the master's research entitled *Black Woman teacher between chrysalis and hummingbird: the invisible and the revealed, the silence and the writing of one another*, in which a study was carried out on the life trajectory of a black teacher, of the municipal school system of Feira de Santana-BA, who died in the classroom. The aim of this research was to investigate about the experiences of prejudice and racial discrimination experienced by this school and its impacts on the trajectory of life and death of the teacher. The investigation was based on the following problematizing questions: How was the life story of the black woman who became a teacher? What are the implications of racism, prejudice, and discrimination for the life of the teacher, as well as for the process of morbidity and mortality of black women? Considering the nature of the investigation, in this qualitative study, the methodological path was instantiated in the approach of life histories. In this study, ethnic-racial, gender, teaching work and health issues of the black population were emphasized. Regarding the aspects discussed here, we present reflections about memory, orality, and history, based on the foundations of Benjamin (2005), Bom Meihy (2005), (Halbwachs (1990), Hampaté Ba (1982) and Le Goff (2003), (1994). In this context, the theoretical approach on history establishes interlocution with memory, the place of the records of the lived, and orality as the narrative device of experience. Individual memory and collective memory are intertwined in a continuous stream of reciprocal exchanges.

**Keywords:** memory; orality; history.

#### INTRODUÇÃO

1

Refletir sobre a memória, abrangendo o seu conceito, o seu percurso histórico e sua importância no âmbito individual e coletivo, perpassa por reconstruir um longo caminho marcado por raízes fincadas na poesia grega, onde os poetas immortalizaram seus heróis em suas epopeias, com versos que anunciavam o brado heroico que, gravado na memória, não os deixavam cair no esquecimento, não os deixavam morrer (MEIHY, 2005). Portanto, era preciso, para deixá-los vivos, vencer Lete, deusa feminina associada ao esquecimento, através de Mnemosine, a deusa da lembrança e mãe das musas. Logo, a memória inscrita nas epopeias, nas singularidades da poesia grega, era o lugar onde as vozes

dos aedos e rapsodos- poetas, cantores, narradores- ecoavam versos de uma cultura que se inventava, revisitando a sua história.

No pensamento benjaminiano, a memória não tem apenas a função de preservar as marcas do que se viveu e de ser o recanto onde habitam as experiências pela poesia narrada, porque ela própria “é a mais épica de todas as faculdades” (BENJAMIN, 1994, p.210). Só quando capaz de estender-se é que executa dois movimentos por princípio, antagônicos: possibilita a composição da poesia épica que comporta o percurso das coisas e a resignação diante do desaparecimento destas pela ação da morte. Nesse contexto a reminiscência ancora-se na tradição que é alimentada pela transmissão das experiências de uma geração a outra, na sucessão do tempo, torna-se o “antídoto do esquecimento” (LE GOFF, 2003, p. 434). Desse modo, a composição e a narrativa poética germinam da necessidade de preservar as experiências e colocá-las como um bem, como um patrimônio que preserva a existência de um povo, de uma cultura. Esse aspecto fica bastante evidente nas comunidades de tradição oral.

A cultura africana em sua gênese, amparada na tradição oral, tem na memória um importante reservatório da história, das tradições, da cultura e do saber ancestral. A transmissão do saber, nessa cultura, estava consubstanciada na/ pela ação dos animadores públicos, os **griots**. Estes eram na sociedade, músicos, embaixadores, genealogistas/ historiadores ou poetas. Deste modo, pode-se compreendê-los como narradores. Eles narraram os saberes construídos nas e pelas experiências. Em Benjamin, a experiência é a fonte de onde o narrador retira o alimento e se propaga uma vez que, “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Segundo Benjamin, o narrador faz a mediação entre a sua experiência e as experiências de outras (os), que vão se desdobrando em outras experiências, matizadas pelos modos, pelas crenças, impressões advindas de um processo recíproco de aprendizagem, porque ao narrar suas experiências e aquelas construídas no seu entorno, as coisas que resultam do encontro das experiências de quem narra e de quem escuta, vão se incorporando à vida daquelas/daqueles que ouvem. Assim, ao tempo que são sujeitos narradores, são também ouvintes porque as suas experiências também são tomadas como inspiração pelo narrador. As experiências socializadas são carregadas de cumplicidade que vão atravessando as gerações; que passa de pessoa a pessoa, alimentando o narrador que preserva a tradição.

Na tradição africana, os relatos e as narrativas têm caráter educativo e dinâmico, uma vez que imprimem de “vida” as reuniões realizadas pelos diversos grupos que compunham a sociedade. Os temas, eixo em torno do qual as narrativas eram construídas, eram os grandes feitos dos antepassados ou dos heróis do país, assim evocados. As narrativas históricas são preservadas com extrema fidelidade na memória coletiva.

Narrar as experiências com riqueza de detalhes, trazendo a sua totalidade, representa uma das peculiaridades da memória africana. Então, a memória africana registra toda a cena: o cenário, os personagens, suas palavras, os mínimos detalhes da roupa” (HAMPATÉ BA, 1982, p.215). Por isso, a sua história sedimentou-se a partir de fontes orais. Nesse contexto, a fala é sagrada, porque é do sagrado que provém; este, o sagrado, é a fonte de onde retira o seu poder criador e operativo (HAMPATÉ BA, 1982), ou seja, fala é a existência sagrada dos mestres que narram, os gritos.

Os **gritos** que anunciam na fala o sagrado de uma tradição, exteriorizando o sentido e o significado do patrimônio material e imaterial, sobretudo, como enfatiza Hampaté Ba (1982, p.187), torna possível,

compreender em que contexto mágico-religioso e social se situa o respeito pela palavra nas sociedades de tradição oral, especialmente quando se trata de transmitir as palavras herdadas de ancestrais ou de pessoas idosas. O que a África tradicional mais preza é a herança ancestral. O apego religioso ao patrimônio transmitido exprime-se em frases como “aprendi com meu pai”, “foi o que suguei no seio da minha mãe”.

De acordo com esse autor, nas sociedades inspiradas pela tradição oral, a africana em destaque, é a palavra o oxigênio que mantém acesos os conhecimentos e preservados como herança, porque carregam a sabedoria ancestral e aquela que habita as pessoas idosas. Ela é sagrada, por isso confere autoridade e traduz a relação de respeito. Tanto a ancestralidade quanto a sabedoria construída pela experiência, traduzida pelas marcas do tempo que embranquece os cabelos e enrugam a pele, é sinal que diz dos caminhos percorridos e da vida que se mantém.

A partir dessas duas composições, entre **griots, aedos e rapsodos**, adentramos ao campo da história e da memória, enfatizando a sua importância para a escrita das Histórias de Vida e seus desdobramentos na/ e para a compreensão

dos processos histórico-sociais. Desse modo, torna-se possível e pertinente estabelecer relação entre a memória e a história, a partir da construção do conceito daquela, como sublinha Le Goff (2003). Enfatizamos, portanto, ser este de caráter polissêmico, onde reside a sua riqueza. Ainda esse autor, sobre a polissemia conceitual da história, reflete sobre a existência de seis problemas que a ela são vinculados, a saber: a dicotomia entre “história vivida”, “natural” e que se refere às sociedades humanas e a ciência histórica; as relações entre história e tempo; a oposição colocada entre passado e presente; a história com capacidade de premonição, logo, capaz de predizer o futuro; a relação do historiador com outras ciências que o faz estabelecer diferentes durações históricas, por fim a concepção de história totalizante, ou seja, “a ideia de história como história do homem foi substituída pela ideia da história como história dos homens em sociedade” (LE GOFF, 2003, p.p. 7-9).

Com base nessa perspectiva, a memória e a história constroem-se em direções paralelas, mas não são costuradas pelos princípios do antagonismo e da exclusão mútua. Joutard (2005) as classifica como vias que, resguardadas as especificidades que as compõem e particularizada a lógica de cada uma, encaminham-se ao passado, em que “a memória faz a história escutar outras vozes que trazem alguma luz sobre cenas de realidade passadas” (JOUTARD, 2005, p. 211).

Sobre o conceito de memória, Le Goff (2003, p.419) o coloca como “crucial” para a história, considerando os aspectos estruturais no que concerne às suas funções psíquicas, cuja importância se consolida porque atualizar “impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

A história da memória é, sem dúvida, uma história longa e todo o seu itinerário é marcadamente significativo, ao longo do qual muitos conceitos foram formulados e funções lhe foram atribuídas, além dos muitos percalços.

Refletindo sobre a memória a partir do Iluminismo, o ensaio de Horkheimer e Adorno sobre o Iluminismo foi o ponto de partida para uma série de críticas ao projeto moderno que impôs ao homem ocidental muitos dilemas, que “fez valer a ciência para a vida prática e alijar a memória para o campo das amenidades culturais” (CATANI, 2000, p. 22). Significa dizer também, que no espaço da correlação de forças, nas relações de poder – onde um grupo hegemonicamente se constitui como força, apropria-se do direito e exclusividade da memória, forjando as “verdades”, os discursos sobre o passado, dos heróis e das vontades – etnocentricamente, o sujeito comum é destituído de história, de memória, uma vez que as suas lembranças são desconsideradas.

Catani (2000) em *Docência, memória e gênero*, apresenta reflexões singulares sobre a memória, traçando um percurso histórico, situando-a. Apresenta o início do século XX, marcado pela eclosão de vários estudiosos que se dedicaram às reflexões sobre a memória, a exemplo Bergson, James, Freud, Conrad, Halbwachs, pensadores da Escola de Frankfurt e pesquisadores da Escola de Chicago. A autora também enfatiza sobre um movimento de efervescência do pragmatismo que reinou após a Segunda Guerra Mundial, que interrompeu o fluxo de tais reflexões até a década de 1980, quando se processa a retomada das discussões e revalorização da memória, cujo conceito se associava à experiência, em que a sua relação com a vida prática e o sentimento de identidade são enfatizados.

Dentre os estudiosos citados, Halbwachs (1990), pelos argumentos articulados em sua obra, sublinha que o sujeito participa de duas “espécies de memórias”: individual e coletiva. Essas memórias desencadeiam atitudes que são não apenas diferentes, mas supõem-se contrárias.

A compreensão que circula e o conceito que se estrutura sobre memória individual e memória coletiva, alude este autor, instituem:

De um lado, é no quadro da sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam tomar lugar suas lembranças: aquelas que lhes são comuns com outras não seriam consideradas por ele a não ser sob o aspecto que lhe interessa, na medida em que ele se distingue delas. De outra parte, ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo (HALBWACHS, 1990, p. 53).

Assim, a memória individual assume caráter pessoal, enquanto a coletiva é constituída referenciando-se nas experiências construídas e vividas no/com o grupo. Refletir sobre os aspectos que delineiam concepções sobre a memória, perpassa também pela compreensão e reflexão acerca dos conceitos que lhe são atribuídos, dos fatores que interferem na sua organização e suas várias classificações.

Neste sentido, Bom Meihy (2005) conceitua memória como lembranças que são organizadas de acordo com

uma lógica de caráter subjetivo, em que seus elementos são selecionados ou articulados nem sempre correspondendo aos fatos, objetivos e materiais. Quanto a seus tipos, a memória é classificada em individual, social ou coletiva. Nesse aspecto, Bom Meihy, corroborando Halbwachs, sublinha que tais memórias apresentam relação de interdependência.

Quanto à memória individual, esta é pessoal, biológica e psicológica, cujo sentido refere-se aos exames individuais de pessoas isoladamente; já a memória grupal ou coletiva, não se restringe à soma de memórias individuais, “é um fenômeno construído pela força de fatores externos que circunstanciam em determinado grupo, marcando sua identidade” (BOM MEIHY, 2005, p. 64).

Quanto aos fatores que interferem na organização da memória, de acordo com os argumentos desse autor, são importantes estes elementos: fatores culturais, a capacidade biológica das pessoas e os acontecimentos considerados marcos na trajetória individual, social ou coletiva e a debilidade física, e as circunstâncias traumáticas que afetam diretamente as narrativas que se baseiam na memória.

Outro aspecto enfatizado por Bom Meihy (2005), refere-se às definições necessárias para o que se deve considerar a memória. Em primeiro lugar, a definição que relaciona a memória ao cérebro que é a base orgânica, material e corpórea, biológica, que armazena individualmente as lembranças; a segunda a da mente, concebida como um conjunto de representações, de planos cognitivos articulados pelo acervo de lembranças guardadas no cérebro. Ademais,

o passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal. Enquanto a narrativa da memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão desde a ênfase ou a entonação até os silêncios e disfarces (BOM MEIHY, 2005, p. 61).

Rememorar significa revisitar os caminhos percorridos, os passos dados e outros tantos que ficaram no lugar, bem como sentirmos na ponta dos dedos, na melodia de sons diversos, as marcas que deixamos pelo caminho e outras tantas que carregamos nos nossos gostos, afetos, perspectivas, proposições e narrativas das histórias que contém muitos, que se misturam à nossa pele, ao nosso cheiro, ao outro que somos, depois de tantas reflexões, de olharmos para dentro de nós mesmos, depois de ouvirmos através do silêncio do nosso corpo, da voz anunciando o que está por vir. Escuta-se o que dizemos de nós mesmos, o que diz o nosso em torno e o que dizemos desse imaginário construído.

Reinventar quem somos representa o desafio de compreendermos quem somos nas nossas singularidades, na subjetividade da compreensão do lugar de onde falamos, de onde construímos identidade e nos sentimos pertencendo, territorializando-nos, fazendo história, tecendo memórias. Rememorar é sentir que pertencemos a uma farta colheita de afetos. Pertencimento que não significa o imperativo da posse, mas a presença, a cumplicidade e a autoria.

A fala que relembra as experiências vividas e suas interpretações com as marcas do presente fazem da memória o espaço da significação e construção, ressignificação e reconstrução do vivido, abrindo clareiras para a composição da história no plural. É nesse contexto que a história oral se inscreve, pois

ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das demais minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional (POLLAK, 1989, p. 4).

Por isso, essa “nova história” que ouve os que têm fome, os traídos, os banidos, sem a pretensão de ser o caminho, a verdade e a vida, nos permitirá ler novas mensagens, ouvir as subjetividades e dialogar com as diferentes percepções sobre o mundo.

Assim, as histórias de vida reconhecem a alteridade, porque os sujeitos narram as suas experiências; interpretam porque inscritos histórica, política, social e culturalmente; produzem e se autoproduzem na intersecção entre a vida individual e o contexto social. Esta se faz do entrelaçamento de subjetividades e simbolismos que refletem suas contradições, seus sentimentos, valores, crenças etc.

Então, os estudos sobre as Histórias de vida abrem possibilidades de entrelaçamentos entre a vida individual e o contexto social, caminhos onde é possível tirar da invisibilidade as histórias astutamente não percebidas e/ou desbotadas pelas retinas viciadas pela história oficial, etnocêntrica monocromática.

## CONCLUSÃO

A memória, a oralidade e a história se entrelaçam, interseccionadas pelas experiências e os sentidos e significados a elas atribuídos pelos sujeitos constituídos e referenciados na/pela cultura, pois um não é sem o outro.

O sujeito modifica e atualiza a cultura à medida que também é construído, modificado e atualizado por ela na rememoração do vivido, na preservação das tradições através das narrativas orais, nas releituras e ressignificações das práticas e discursos, no contexto dinâmico da história, da relação tempo-espaço-sujeito, daí porque entendermos e refletirmos sobre a importância de se discutir acerca da memória, individual e coletiva, como fonte para compreensão da história com base na interpretação dos sujeitos sobre si e sobre o seu entorno, revelada em suas narrativas. A memória individual e a memória coletiva se entrelaçam em um fluxo contínuo de trocas recíprocas.

Os estudos que enfocam a memória, a oralidade e a história, destacando aproximações e peculiaridades, abrem caminhos para a consolidação da história polifônica, a história narrada por múltiplas vozes, superando a hegemonia da história imposta como oficial.

Outro aspecto relevante refere-se ao reconhecimento da oralidade como dispositivo de historicidade dos sujeitos, expressão das representações sobre estes sujeitos, sobre a cultura, a história e as sociedades, constituindo-se como fonte no contexto das sociedades letradas, que só reconheciam o documento escrito como fonte válida.

Nesse contexto, o enfoque teórico sobre a história estabelece interlocução com a memória, lugar dos registros do vivido, e a oralidade como o dispositivo narrativo da experiência.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 ed. – tradução Sérgio Paulo Rouanet São Paulo: Brasiliense, 1994-(Obras escolhidas; v. 1).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HAMPATÉ BA. A. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, J. (org.). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar história e memória? **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n. 23, p. 205-212 jan/jun., 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. – tradução Bernardo Leitão – Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

PACHECO, Dirceu Castilho. Entre aspas o pensar, o sentir e o diferir: vivências de um pesquisador – praticante nos/dos/com os cotidianos. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo, PEREZ, Carmen Lúcia Vidal e OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SAMPAIO, Carmen Sanches. Pesquisa com o cotidiano e as opções interessadas da ação pesquisadora. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo, PEREZ, Carmen Lúcia Vidal e OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

THOMPSON. Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.